



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.7, jan./jun.2010



A ESTÓRIA ROMANESCA DE ANA TERRA E PEDRO MISSIONEIRO

Lavinia Guimarães Portella
(Mestranda — UFF)

Paulo Bezerra
(Livre-docente/USP — Professor/UFF)

RESUMO

Obra maior de Erico Veríssimo, a trilogia *O tempo e o vento* apresenta ao leitor, em seu primeiro volume, *O continente*, a história de Ana Terra e Pedro Missioneiro. Nos capítulos "A fonte" e "Ana Terra", o narrador descreve a origem das duas personagens e o romance proibido vivido por eles. Páginas singulares da literatura brasileira, a estória de mocinha Ana e do herói Pedro reproduz várias características romanescas presentes em diversos romances que até hoje encantam o mundo. Com o objetivo de melhor conhecer a obra de Veríssimo e compreender a literatura, este trabalho aponta, justamente, alguns dos traços romanescos marcantes da estória de Ana e Pedro, com o auxílio, principalmente, do crítico Northrop Frye, autor do texto "O *Mythos* do verão: a estória romanesca".

PALAVRAS-CHAVE

Romance; herói; mocinha; obstáculos; aventura.

ABSTRACT

The most important work's Erico Veríssimo, *O tempo e o vento*, a work in three volumes, shows to the reader, in the first volume, *O continente*, the Ana Terra and Pedro Missioneiro's story. In the "A fonte" and "Ana Terra" chapters, the narrator describe these two characters' origin and the forbidden romance that they had. Singular pages of Brazilian literature, the heroine Ana and the hero Pedro's story reproduces several novel characteristics present in many novels up to today that delight the world. With the intent to know Veríssimo's work quite well and understand the literature, this work just show some of the novel intense aspects of the Ana and Pedro' story, with the support, mainly, of the critic Northrop Frye, author of the text "O *Mythos* do verão: a estória romanesca".

KEYWORDS

Novel; hero; heroine; obstacles; adventure.

É sempre tempo para o romanesco

Um jovem, uma donzela e um pai como obstáculo ao amor dos dois. Quem nunca leu um romance deste tipo? Ao longo dos anos, muitas histórias partiram do mesmo princípio. Com *O tempo e o vento*, trilogia de Erico Veríssimo, não foi diferente. Em *O continente*, primeiro volume da obra, Pedro Missioneiro e Ana Terra vivem um romance proibido até que o pai da mocinha manda matar e enterrar o herói ao pé de uma árvore. Só que o amor dos dois já havia dado fruto: Ana estava grávida.

Embora conhecido de todos os leitores, enredos que narram histórias de amor cheias de impedimentos mantêm a capacidade de emocionar e envolver. Por que será? Em *Anatomia da crítica*, Northrop Frye aposta que se trata de uma questão de projeção de ideais. “Em todas as idades, a classe social ou intelectual dominante tende a projetar seus ideais nalguma forma de estória romanesca, na qual os virtuosos heróis e as belas heroínas representam os ideais, e os vilões, as ameaças à supremacia daqueles” (FRYE, 1973, p. 185). Realmente, quem não gostaria de encarar os maiores desafios em nome de algo profundamente verdadeiro e ao final vencer? Por isso, completa Frye, “não importa a extensão da mudança que possa ocorrer na sociedade, a estória romanesca surgirá de novo, tão faminta como sempre, procurando novas esperanças e desejos do que alimentar-se” (Idem).

E surge mesmo. Escritas entre 1947 e 1961, as bem traçadas linhas de *O tempo e o vento* nos guiam tanto por um universo repleto de fatos históricos quanto por um terreno fantasioso e cheio de aventuras. Esta mistura entre História e ficção torna a saga ainda mais interessante aos olhos do leitor. Para não me estender muito, neste trabalho proponho uma breve análise da presença do romanesco nos capítulos “A fonte” e “Ana Terra”, que ocupam 118 páginas de *O continente*.

“A fonte” narra a infância ingênua de Pedro Missioneiro, do nascimento trágico até a fuga do povoado onde foi criado a caminho do grande rio. O título do capítulo sugere a importância do papel que o rapaz vai desempenhar: ele

representa a origem, o início de tudo. Ao acompanhar a primeira fase da vida do personagem, o leitor é inserido em um percurso, que vai se ampliando gradual e sucessivamente. A partir de "A fonte", a história seguirá a caminho do tempo presente do narrador. Como diz Frye, "o elemento essencial da trama, na estória romanesca, é a aventura, o que significa que a estória romanesca é, naturalmente, uma forma consecutiva e progressiva" (1973, p. 185).

Se a estória romanesca se apresenta em "forma consecutiva e progressiva" está clara a relação entre ela e o tempo. Em *Aspectos do romance*, Forster afirma que "no romance há sempre um relógio" (1998, p. 31) porque "[...] a base do romance é uma história, e a história é uma narrativa de acontecimentos dispostos em sequência no tempo" (Idem). Mas Frye parece querer ressaltar algo além da ligação natural com o tempo. Tanto que, logo adiante, ele explica que "podemos denominar essa aventura principal, o elemento que dá forma à estória romanesca, de procura". Para George Lukács, a busca caracteriza o romance.

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento (LUKÁCS, 2000, p. 82).

Na jornada ao encontro de si mesmo, o sujeito encara desafios e vive diversos conflitos. "O *ágon* ou conflito é a base ou tema arquetípico da estória romanesca, sendo o fundamento da história romanesca uma série de maravilhosas aventuras", diz Frye.

Embrenhar-se nas aventuras, portanto, parece o caminho mais certo para quem busca o romanesco. Vamos a elas!

A aventura romanesca de Ana e Pedro

Proezas, riscos e façanhas não faltam em *O tempo e o vento*. O leitor se depara com um cenário épico: homens bravos montados em seus cavalos e prontos para qualquer guerra. Guerreiros que costumam dizer que preferem

perder a vida como machos, lutando, peleando, do que na cama. Como todo herói, eles querem morrer brigando pelo que acreditam. Segundo Frye, no universo romanesco, o mocinho encara as aventuras em um mundo caracterizado pelo movimento cíclico da natureza (1973, p. 186). Ana e Pedro vivem em um ambiente fortemente vinculado ao ambiente natural. Ana morava com o pai, a mãe e os dois irmãos em um fim de mundo, onde não existia nem relógio nem calendário. Ninguém sabia ler, mas todos compreendiam muito bem a língua da natureza, condição fundamental para se orientar no tempo.

Eles guardavam de memória os dias da semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam as passagens dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano. Ana Terra era capaz de jurar que aquilo acontecera na primavera, porque o vento andava bem doido, empurrando grandes nuvens brancas no céu, os pessegueiros estavam floridos e as árvores que o inverno despira, se enchiam outra vez de brotos verdes (VERÍSSIMO, 1997, p. 73).

A povoação mais próxima do local onde Ana e sua família viviam era o Rio Pardo, que ficava a léguas de distância. Sozinha e sem moças de sua idade, Ana sonhava em voltar para Sorocaba, onde “a vida era alegre, havia muitas casas, muita gente, festas, igrejas, lojas...” (VERÍSSIMO, 1997, p. 74). Isolada, a jovem de 25 anos tinha apenas a natureza como companheira e confidente. “Avistou a corticeira que crescia à beira d’água e seus olhos saudaram a árvore como se ela fosse uma amiga íntima” (Idem, p. 75). É a sanga o local onde Ana se sente mais livre e consegue se relacionar melhor com seu lado jovem e feminino. Longe do olhar severo do pai, ela se refresca nos dias quentes e observa seu rosto refletido na água. A jovem sequer possuía um caco de espelho em casa... E somente lá, à beira da sanga, ela tem coragem de cantar.

A proximidade da natureza também traz perigos. Às vezes era preciso saber se defender dos animais. Quando necessário, Ana atirava um grande pedregulho na cabeça das cobras. Seu irmão Lucinho morrera envenenado por uma delas. Os rostos de Antônio e Horácio eram curtidos pelo vento e pelo sol e em muitas ocasiões retratavam uma rigidez agressiva. A própria casa em que a família Terra vivia era desprovida de qualquer conforto e beleza. “Moravam

num rancho de paredes de taquaraçu e barro, coberto de palha e com chão de terra batida” (VERÍSSIMO, 1997, p. 73). O mobiliário era simples e rústico, os pratos onde comiam eram de pó de pedra. Dona Henriqueta observa a transformação que aquele universo bruto gerava em seus filhos e marido.

E quanto mais o tempo passava mais o marido e os filhos iam ficando como bichos naquela lida braba — carneando gado, curando bicheira, laçando, domando, virando terra, plantando, colhendo e de vez em quando brigando de espingarda na mão contra índios, feras e bandidos. Parecia que a terra ia se entranhando não só na pela como também na alma deles. (VERÍSSIMO, 1997, p. 79)

A alma de Pedro Missioneiro também está fortemente ligada ao ambiente natural: o índio se comporta como um ser da natureza. Pedro cresce na redução povoada por índios, donos de imaginação muito fértil. Só que, quando o autor se refere à redução onde o herói cresceu, a natureza é apresentada de forma idílica. Na comunidade dos Sete Povos das Missões, nem mesmo Padre Alonzo, um espanhol, se sente ameaçado pela proximidade da mata. Ao contrário do que vemos no capítulo seguinte, em “A fonte” a paisagem é apresentada como um reduto acolhedor.

Era pura de linhas e cores — coxilhas verdes recobertas de macegas cor de palha e manchadas aqui e ali dum caponete; por cima de tudo, um céu azul onde não raro boiavam nuvens. Era simples e ingênua, dir-se-ia pintada em aquarela pela mão duma criança. (VERÍSSIMO, 1997, p. 30)

Para a família Terra, a natureza parecia mais ameaçadora. A diferença é totalmente compreensível. Nas reduções, os índios viviam em comunidade, o que amenizava muito os riscos de ataques de animais selvagens e outros perigos. Além disso, havia uma sociedade organizada, com corregedor, regedores, alcaides, aguazil-mor, um procurador e um secretário. Foram construídos igreja, oficina, hospital, padaria, casa de teares, olaria, moinho. Os índios aprendiam a ler, a tocar instrumentos musicais, a esculpir... A ordem imperava e só era interrompida por um acontecimento sensacional: um índio mordido por uma cobra, um tigre que atacava os terneiros da estância, um

temporal que destelhava as casas ou uma chuva de pedra que danificava as plantações.

Neste contexto, a natureza surge quase sempre controlada pela força da coletividade. Quando uma nuvem de grilos paira sobre a lavoura, os índios se juntam e fazem tanto barulho que afugentam os insetos voadores. Ao preparar as ruas para procissões, os índios, acostumados ao contato com a mata, capturavam animais como tigres, gatos-do-mato, veados, antas, tamanduás e leões baios, e os colocavam ao pé de arcos, dentro de jaulas ou capoeiras. Quando a procissão passava, ouvia-se o som dos cânticos misturados aos guinchos das aves selvagens e aos urros das feras, mas nada disso tornava o ambiente amedrontador. Apesar deste painel, “do chão erguia-se um perfume de manjeriço silvestre esmagado” e “o cheiro de incenso misturava-se ao das flores e ervas” (VERÍSSIMO, 1997, p. 39). Padre Alonzo chega à conclusão de que esse era o espetáculo mais belo que já vira em toda sua vida.

Percebe-se que, enquanto em “A fonte”, a natureza se apresenta com uma face positiva, próxima do vigor da vida, em Ana Terra, somos mais deparados com seu lado perigoso. Segundo Frye, no universo romanescos, os pólos opostos dos ciclos da natureza se relacionam à oposição do herói e seu antagonista. “O inimigo associa-se com o inverno, as trevas, a confusão, a esterilidade, a vida agonizante e a velhice, e o herói com a primavera, a alvorada, a ordem, a fertilidade, o vigor e a juventude” (1973, p. 186).

Criado nas missões, Pedro representa o herói. Maneco Terra, pai de Ana, um homem rude e embrutecido pelo trabalho na lavoura, seria o obstáculo para a felicidade do casal. Mas é bom afastá-lo do sentido extremo da palavra vilão: aquele a favor das forças do mal. Maneco Terra tem os valores de honra e dignidade muito acentuados. E isso deve ser levado em conta quando ele descobre que a filha está grávida de uma relação informal e resolve mandar matar o índio responsável pela desonra de sua família. Após esse episódio, Dona Henriqueta surpreende o marido chorando pela primeira vez em trinta anos de casamento.

Pedro foi criado em um ambiente organizado, uma sociedade híbrida, mistura das culturas indígena e espanhola. Como herói, o índio se associa à ordem, ao saber, ao conhecimento, ao que pode brotar e trazer frutos: à primavera. Aos oito anos, o pequeno índio já sabia ler, escrever, fazer contas, e, além do guarani, falava espanhol e podia compreender alguns textos em latim.

Pedro tinha em geral uma vida ativa: aprendia ofícios, doutrina cristã, música; lia em voz alta as Escrituras Sagradas em latim, à hora em que os padres ceavam; não raro ajudava os índios a limpar o trigo e, enquanto fazia isso, cantava com eles. Aos domingos, com outros coroinhas, acolitava o cura na missa. Fazia também parte do coro; representava nos autos e durante as festas tomava parte nas danças. Gostava também de andar sem rumo pelas coxilhas, de arco e flecha, a caçar passarinhos, a procurar ninhos ou a aprisionar lagartixas vivas (VERÍSSIMO, 1997, p. 43).

A vida dos Terras era bem diferente. No rancho da família de Maneco, nunca entrava nenhuma alegria, nunca se ouvia música e ninguém pensava em se divertir. “Passo muito bem sem essas cousas” (VERÍSSIMO, 1997, p. 94), costumava dizer o velho Terra, que crescera ouvindo o pai e o avô contarem maravilhas sobre os campos do sul. Até que um dia, ele resolveu realizar o sonho frustrado de seus antepassados: deixou Sorocaba e foi para as terras do Rio Grande de São Pedro criar gado e plantar. A vida na estância era triste e dura. “Era só trabalhar o quanto dava o dia. E a noite — dizia Maneco — tinha sido feito para dormir” (Idem, p. 79). Passavam-se meses sem que viva alma cruzasse aquelas paragens...

E Ana só via ao seu redor quatro pessoas: o pai, a mãe e os irmãos. Quanto ao resto, eram sempre aqueles coxilhões a perder de vista, a solidão e o vento. Não havia outro remédio — achava ela — senão trabalhar para esquecer o medo, a tristeza, a aflição... Acordava e pulava da cama, mal raiava o dia. Ia aquecer a água para o chimarrão dos homens, depois começava a faina diária: ajudar a mãe na cozinha, fazer pão, cuidar dos bichos do quintal, lavar a roupa. Por ocasião das colheitas ia com o resto da família para a lavoura e ficava mourejando de sol a sol (VERÍSSIMO, 1997, p. 74)

No inverno, Ana sentia ainda mais a solidão. Como se pode notar, a natureza e a vida no rancho eram tão severas quanto o líder da família Terra — e, dessa forma, Maneco e a estância podem ser associados ao inverno, à vida agonizante, à velhice e até as trevas, ao longo dos anos sempre representada por almas em sofrimento, exercendo trabalhos forçados. Diante deste clima, pode-se imaginar o impacto que a chegada de Pedro Missioneiro causou à vida da família, principalmente à de Ana.

Quando o exército dos Sete Povos é derrotado e os habitantes do povoado ateiam fogo a casas e à catedral para evitar que os imóveis caíam intactos nas mãos dos inimigos portugueses, Pedro monta seu cavalo baio e foge na direção do continente. Ele leva apenas a roupa do corpo, a chirimia e o punhal de prata, que pegou do Padre Alonzo, seu padrinho. Muito característico do romanesco, o cavalo leva o herói em sua busca (FRYE, 1973, p. 194). O índio criado entre os padres jesuítas da Espanha parte para inúmeras aventuras e chega até a fazer parte dos esquadrões de cavalaria de Rafael Pinto Bandeira, que lutou na capitania de São Pedro do Rio Grande em defesa das possessões portuguesas. Mas não acusemos Pedro, criado entre os jesuítas espanhóis, de ingratidão. Afinal, o pai do rapaz era um vicentista, que ajudou a alargar o território português no Brasil. Como muito mais tarde dirá Maria Valéria, uma de suas descendentes, “Quem sai aos seus não degenera”. Educado por espanhóis, filho de um paulista e de uma índia, não admira que Pedro diga ser “de parte nenhuma” (VERÍSSIMO, 1997, p. 82). Justamente por causa de suas raízes híbridas, Pedro tem autoridade suficiente para ser a fonte de gerações de homens mais sensíveis aos problemas sociais — caso de Floriano, Eduardo Cambará e mesmo do jovem Dr. Rodrigo, só para citar alguns. Para Maria da Glória Bordini, a educação do índio possibilitou que ele ocupasse papel tão importante na história.

O menino, criado pelos padres desde o seu nascimento, acredita na cultura religiosa e humanística que assimilou sua identidade indígena. Por isso, pode abandonar a Missão e ser o futuro genitor de uma descendência de homens mais sensíveis às causas humanas do que os nascidos dos invasores, como se vê ao longo dos conflitos entre os Terra, unidos aos Cambará, e

os Amaral, na sequência de O Continente. Ele será o combatente e o artista, o macho gentil, o narrador criativo e sedutor, como seu último descendente em O Tempo e O Vento, Floriano Cambará. Como esse, encantará com suas histórias, mas, à diferença dele, não será cético, nem hesitante. Será representado como o legítimo rebento da civilização missioneira, ainda cheio de esperança no acordo de harmonia entre os homens, capaz de renunciar à vida para não desistir do que ama. Será morto pelo pai e irmãos de Ana Terra, paulistas como o vicentista que estuprou sua mãe indígena, morta de parto (2004, p. 59).

Depois de errar pelo continente, Pedro chega ferido às mãos de Ana Terra. Ela o encontra deitado com os braços abertos em cruz e a mão esquerda mergulhada na sanga. Como Pedro foi criado pelos padres Jesuítas e a cruz é um símbolo da fé cristã, fazemos a analogia direta entre a posição do índio e Cristo, reconhecido entre os católicos como o Salvador, aquele que morreu pelos pecados cometidos pelos outros. Como Jesus, Pedro morre sem abdicar do que tanto ama. Quando Ana conta ao índio que está grávida e sugere a ele que fujam para escapar da reação do pai, Pedro mantém-se fiel à fé que o orientou desde pequeno: responde que é demasiado tarde e conta a Ana a premonição que teve sobre sua morte. Ele não foge de seu destino: fertiliza o ventre de Ana e funda gerações de descendentes. Terminada sua missão, está pronto para partir. Os braços abertos em cruz também podem sugerir que Pedro representa o Salvador de Ana, isolada naqueles confins e sem muitas chances de se relacionar com outros homens e gerar descendentes, o principal papel feminino na época. Como diz Frye, o herói da estória romanesca "é análogo ao Messias mítico ou libertador que vem de um mundo superior, e seu inimigo é análogo aos poderes demoníacos de um mundo inferior" (1973, p. 186).

De qualquer forma, ao se despedir da moça, Pedro entrega a ela o punhal de prata que trazia consigo. Desde criança, Pedro se sentia fascinado pelo objeto, que ficava na mesa de cabeceira do Padre Alonzo. Até que um dia, o índio se apodera da arma antes de fugir da redução, sugerindo, portanto, que precisará dela na sua jornada. Muito justo permiti-lo levar o punhal, afinal, Pedro ajudou Alonzo a reparar a culpa que sentia por ter planejado um

assassinato. O padre foi padrinho do menino e escolheu para ele o mesmo nome do homem que um dia quisera matar. Ao tomar o punhal, Pedro tornou-o um símbolo da potência masculina e por isso será transmitido aos descendentes homens da família. Bem mais à frente, veremos Eduardo, um militante comunista, utilizando a arma presa à cinta.

Quando consegue ver o rosto de Pedro Missioneiro pela primeira vez, Ana sente "constrangimento e repulsa" (VERÍSSIMO, 1997, p. 79), embora tenha achado a face do índio "dum bonito que chamava a atenção por não ser comum" (Idem, p. 80). Isolada naqueles confins do Rio Grande e acostumada apenas ao convívio da família, ela sente inquietação e estranheza quando se depara com "aquele torso nu e musculoso, aquele peito largo e suado, que subia e descia ao compasso da respiração" (Idem, p. 80). O ferimento no ombro esquerdo de Pedro a deixa "vermelha e perturbada, como se tivesse enxergado alguma parte secreta e vergonhosa daquele homem" (Idem, p. 80). Pela primeira vez, Ana deseja um homem.

Ana não podia esquecer aquela cara... Estava inquieta, quase ofendida, e já querendo mal ao estranho por causa das sensações que ele lhe provocava. Era qualquer coisa que lhe atacava o estômago, dando-lhe engulhos; mas ao mesmo tempo tinha desejos de olhar para aquele mestiço, muitas vezes, por muito tempo, apesar de sentir que não devia, que isso era feio, mau, indecente (Idem).

Este sentimento deixa a jovem perturbada. Além de novas, as reações confusas que Pedro provoca em Ana têm relação com a própria imagem que a família da moça e muitas outras na época construíram dos primeiros habitantes daquelas terras. Entre as convicções de Maneco Terra estava a de que "índio é bicho traiçoeiro" (VERÍSSIMO, 1997, p. 84). Ana se esforçava para se convencer de que Pedro era um "índio sujo, sem eira nem beira" (Idem, p. 87), que não tinha valor, como denunciava o som doce e macio de sua voz, que "não podia ser voz de gente direita" (Idem). Espantada com seus sentimentos, a moça tentava chamar-se para a realidade: "Como podia ela preocupar-se tanto com uma criatura assim!" (Ibidem)

O fato é que, apesar de todo preconceito, Pedro conquistou a todos no rancho. Como um verdadeiro feiticeiro, ele amaciou Maneco utilizando a linguagem que o velho mais admirava: o índio, de cara rapada e olhar oblíquo, se fez presente pelo trabalho. O pai de Ana queria mandá-lo embora o quanto antes, mas sempre se sentia obrigado a adiar a decisão, diante das mil e uma habilidades de Pedro. O índio sabia fazer-se útil: trabalhava sem conversar, acordava antes do dia raiar, ordenhava as vacas no curral, não esquecia de deixar uma vasilha de leite à porta da casa, recolhia na mata favos de mel e frutas silvestres, caçava jacutingas e veado para o alimento da família, domava os cavalos bravos, esculpia em cerâmica pratos e outros utensílios domésticos...

Como se não bastasse, Pedro ainda tinha talentos artísticos. Sabia cantar, tocar e contar histórias. Ele encantava as mulheres e intrigava os homens porque era diferente de todos os outros seres humanos com que eles tiveram contato. A diferença entre Pedro e os Terras fica muito clara no trecho em que o índio conta a história da mulita que acudira Nossa Senhora no deserto. Ana e Dona Henriqueta ficam encantadas com o caso. Antônio estava ausente, transportando mercadoria para o Rio Pardo, mas Maneco e Horácio não deixam de ouvir Pedro, enquanto mastigam a comida. Desde que chegara ao rancho, Pedro impressiona a todos, em especial a Ana, sensível às minúcias relacionadas ao índio, como cheiro, voz... "Ana escutava Pedro, fascinada. Nunca havia encontrado em toda sua vida pessoa assim. Às vezes o índio lhe parecia louco. Tudo nele era fora do comum: a cara, os modos, a voz, aquela língua misturada..." (VERÍSSIMO, 1997, p. 90).

O encontro de Pedro e Maneco, duas almas tão diferentes, faz lembrar a expressão "geada e fogo" (Idem, p. 252), utilizada anos depois por Bibiana, para descrever as discrepâncias entre seu pai, Pedro Terra, e o marido, Capitão Rodrigo. Pedro fora criado entre outros índios, donos de "uma imaginação tão viva, que às vezes lhes era difícil separar o mundo real do mundo de sua fantasia" (Idem, p. 27), como conta Padre Antônio. Maneco era um homem positivo, acostumado a dar nome aos bois. Dona Henriqueta acha a história das mulitas bonita, mas para Maneco trata-se de uma bobagem, "[...] sem

serventia como quase tudo que é bonito” (Idem, p. 92). O velho Terra valoriza apenas o que tem utilidade — como os cavalos, a terra onde se plantam os alimentos e as mulheres criadas para o trabalho doméstico. Nem mesmo tal característica do dono da casa foge à aguçada percepção de Pedro, que se não conquista totalmente a confiança de Maneco, pelo menos, consegue ampliar sua permanência na estância, falando a língua dos Terras: sendo útil. Só que as habilidades do índio, mesmo aos olhos de um homem avesso à fantasia, como o pai de Ana, parecem ir além da capacidade natural de um ser humano, como observamos na passagem abaixo:

Aquele bugre era o melhor domador que ele encontrara em toda a sua vida! Nunca vira ninguém que tivesse tanta facilidade no trato dum potro! Era como se ele conhecesse a língua do cavalo, e com sua lábia tivesse o dom de conquistar logo a confiança e a amizade do animal... Pedro precisava ficar pois havia muitos outros potros a domar (VERÍSSIMO, 1997, p. 85).

Pedro, um conhecedor da língua dos animais. Ao longo de sua passagem pelo romance, o rapaz demonstra ter uma relação incomum com os mistérios do mundo e causa surpresa até mesmo aos índios. “Muito cedo, Pedro travou conhecimento íntimo com o diabo” (VERÍSSIMO, 1997, p. 43), “dificilmente conseguia distinguir as coisas que imaginava ou sonhava das coisas que realmente via quando estava acordado” (Idem) e o mistério da morte o intrigava. Criado dentro da doutrina católica, Pedro aprendeu que o diabo “procura entrar em nossos pensamentos a fim de nos fazer pecar” e “vivia atento à luta que se travava entre o seu anjo da guarda e os espíritos do mal pela posse de sua alma” (Ibidem). Desde criança, o menino travara uma relação com o desconhecido: costumava ter premonições, jurava ter conversado com Nossa Senhora, previu a libertação e depois a morte de Sepé Tiaraju. E as visões do pequeno índio coincidiam com os relatos das testemunhas das histórias. Com sua imaginação, Pedro tornou a cicatriz na teste de Sepé um crescente, como uma luminosa marca de Deus, e convenceu a todos de que o líder indígena carregava uma espada de fogo como a do Arcanjo São Miguel. Embora uma criatura humana, o índio parece encantado,

dotado de poderes especiais. Mais uma característica dos heróis das histórias romanescas:

O inimigo pode ser uma criatura humana comum, mas quanto mais próxima a estória romanescas estiver do mito, tanto mais os atributos da divindade aderirão ao herói e tanto mais o inimigo assumirá qualidades míticas demoníacas (FRYE, 1973, p. 186).

Na passagem acima, o crítico ainda levanta outros dois pontos: o inimigo associado ao demônio e a proximidade da história com o mítico. Em *O continente*, Erico Veríssimo se apoia nos mitos, nas reconhecidas figuras que habitam a história do sul-riograndense: índios, portugueses, espanhóis, padres, homens da luta, homens da terra... Nos volumes seguintes — *O retrato* e *O arquipélago* — o autor, já mais próximo dos fatos narrados e inserido na História, segue uma análise mais crítica, com o objetivo de desmistificar o passado. De qualquer forma, "A fonte" e Ana Terra aproximam-se muito do mito, permitindo a observação proposta por Frye sobre os papéis do herói e de seu inimigo.

Em Ana Terra, o herói surge dotado de divindade, como diz o crítico canadense, mas também relacionado ao capeta. Maneco costuma tratar Pedro como um demônio: "O melhor mesmo era mandar esse diabo embora" (VERÍSSIMO, 1997, p. 85), diz ele. A própria Ana se refere ao índio da mesma forma: "O diabo do homem não lhe saía do pensamento" (Idem, p. 87). Maneco, que ocuparia a figura do inimigo, em momento algum aparece retratado como um demônio: nenhum outro personagem rivaliza com a aura de mistério que envolve Pedro. A associação entre Maneco e o inferno surge de forma mais terra a terra, bem característica da personalidade realista do pai da mocinha. O velho Terra está sempre relacionado ao trabalho, ao esforço físico, ao sacrifício, valores reconhecidamente cristãos, mas que também remetem a uma existência sem prazer, sem conforto, sem qualquer tipo de facilidade: uma vida quase infernal. Ana sabia que precisava mudar de vida, ir a festas, ter amigas, ver gente. Mas na presença firme do pai, a moça não dizia nada. Dona

Henriqueta nunca ousava contrariar o marido, embora soubesse que “Aquilo não era vida!” (VERÍSSIMO, 1997, p. 78).

Se Pedro está literalmente associado ao demônio, quando assim se referem a ele, Ana e seu pai, Maneco, por outro lado, cumpre seu papel de rival, ao agir como uma força esmagadora dos sonhos dos filhos e mantendo todos sob seu julgo. Pedro, embora herói, também pode ser associado ao demônio — tudo depende das trocas de posição que o leitor está disposto a fazer: nem Maneco Terra é apenas um vilão, nem Pedro, somente um herói inocente. Com suas histórias e músicas que trazem alívio depois de um dia árduo de trabalho na lavoura e nas lidas domésticas, o índio, com suas habilidades, representa perigo ao estilo de vida dos Terras e, por isso, é visto como um diabo. Para Ana, as sensações provocadas pelo rapaz justificam a forma como ela o tratava.

Ana sentia por Pedro algo que não sabia explicar: “um mal-estar sem nome, mistura de acanhamento, nojo e fascinação” (VERÍSSIMO, 1997, p. 86). Comparava-o a uma cobra, ser que geralmente habita um mundo inferior nas estórias romanescas (FRYE, 1973, p. 191). A jovem diz odiar aquele homem por lhe despertar sentimentos mesquinhos: queria judiar dele e fazer-lhe todo mal possível. Ela joga cinza na sua comida, sal em seu pote de leite, tem vontade de cravar-lhe as unhas nas entranhas. Ana resiste e se debate contra seu desejo o quanto pode. À noite, sentindo um torpor de febre, ela tem um sonho erótico: imagina um touro vermelho com língua viscosa lambendo-lhe as pernas, enquanto ela se retorce, arrepiada de medo, nojo e desejo. O sonho da moça revela como ela se sente: amedrontada por uma vontade tão forte quanto um touro e capaz de lhe causar repulsa, como a língua do animal. A jovem luta entre o desejo de realizar a vontade de seu corpo e os sentimentos de moral, honra e dignidade, muito importantes para Maneco e família. “Honra se lava com sangue!” (VERÍSSIMO, 1997, p. 163), acreditava o velho Terra. Como diz Frye, “traduzida em termos de sonho, a estória romanesca de procura é a busca, por parte da libido ou do eu que deseja, de uma realização que a

livre das angústias da realidade, mas ainda contenha essa realidade" (1973, p. 191).

Depois do sonho, Ana, meio sem saber o que fazia, se ergue do catre e caminha em direção à sanga. Era verão e o sol a envolve "como um cobertor de fogo" (VERÍSSIMO, 1997, p. 102), a luz ofusca sua visão e do chão escaldante sobe um "vapor trêmulo" (Idem). O calor parece influenciar a vontade da jovem: ela sente um torpor, a cabeça dolorida, "como se o sol lhe houvesse chamuscado os miolos" (Ibidem). As referências ao clima quente surgem com intensidade neste momento da narrativa porque é à beira do córrego que Ana vai se entregar a Pedro. De acordo com Frye, nas estórias romanescas, o verão e a primavera costumam vir associados à fertilidade e à juventude (1973, p. 186). Em *O continente*, Ana engravida no verão e Pedro Terra nasce em meados da primavera.

Os sentidos de Ana parecem muito sensíveis não só às estações do ano, mas também à intuição. Quando Pedro se aproxima de Ana na sanga, ela sente o índio. "Ana então sentiu, mais do que viu, que era Pedro" (VERÍSSIMO, 1997, p. 102). Meses antes, quando Ana se assusta com a presença de um homem na sanga, ela, embora sem ver ninguém, "sente uma presença estranha" (Idem, p. 77). "Sentia que o perigo vinha da outra margem... Sentia mas não queria erguer os olhos" (Idem). Ana demonstra ter sentidos apurados. Talvez este traço tenha relação com a própria condição da moça: ela é virgem. Como preserva seu estado puro, consegue manter os sentidos muito vinculados à natureza. Também não podemos esquecer que Ana tinha uma vida muito ligada a terra e, naqueles descampados, saber observar os sinais do ambiente era uma questão de sobrevivência.

O fato é que Ana sente Pedro se aproximar dela na sanga. O herói acha a donzela fragilizada por seu desejo e em posição tentadora: Ana está deitada com as saias puxadas para cima dos joelhos. Veja o que Frye diz a respeito da mocinha de romance: "amiúde ela deve ser achada num lugar perigoso, proibido ou tabu" (1973, p. 191). Faz parte da aventura. Afastada da casa da família, a sanga será o cenário da relação de Pedro e Ana. Um lugar reservado,

próximo da mata, natural, onde Ana lava roupa. Na sanga, a jovem dá vazão a sua feminilidade, se refrescando e se admirando no espelho d'água. É em ambiente associado à água — e portanto à vida — que Pedro fertiliza o ventre de Ana: o índio planta a raiz de inúmeras gerações futuras.

A relação com Pedro só amplia as angústias de Ana. Apreensiva, ela chega a desejar nunca ter visto o índio e até mesmo a morte do rapaz. Sempre tão sensível, a jovem não conseguia saber se tinha ódio, nojo, pena ou amor por ele porque o medo de que seus pais e irmãos descobrissem o relacionamento dos dois dominava todos os outros sentimentos. “Temia também que os homens da casa cometessem alguma violência. Eles tratavam Pedro como um ser inferior e não lhes passaria nunca pela cabeça a ideia de que Pedro Missioneiro jamais pudesse fazer parte da família” (VERÍSSIMO, 1997, p. 103). Ana estava certa. Quando descobre a gravidez da filha, Maneco manda que Antônio e Horácio matem o índio — lembrando Frye, quando ele diz que os antagonistas da procura têm claramente a mesma filiação (1973, p. 191).

Ana alerta Pedro do perigo: vai até a sanga lhe dar a notícia da gravidez e pede a ele para fugir. Mas o índio se recusa a deixar a estância. Desde criança capaz de prever o futuro e atento aos mistérios da vida e da morte, o índio sabia que tinha uma missão a cumprir no rancho da família Terra. Tanto que mesmo depois de Maneco lhe devolver o punhal com cabo de prata, o índio continua a viver entre os Terras. E concluída a missão, não há mais nada a fazer naquela ou em qualquer outra terra. Antônio e Horácio enterram Pedro ao pé de uma árvore — um símbolo da vida — e nunca mais o nome do índio é pronunciado na estância. Depois de errar “pelo labirinto da história humana” (1973, p. 189), o herói cumpriu seu destino.

O ciclo romanesco

A morte de Pedro Missioneiro não põe fim à sua trajetória. Talvez por isso Pedro aceitara seu destino de forma tão serena. Ele sequer tentou fugir ou dizer qualquer coisa enquanto Antônio e Horácio o conduziam para o local onde

seria assassinado. Pedro sabia ter deixado um descendente no ventre de Ana que continuaria sua história. Como diz Frye, o herói tem de morrer, mas se sua procura está completa “o estágio final dela é, ciclicamente, o renascimento, e dialeticamente, a ressurreição” (1973, p. 190).

Pedro Missioneiro renasce no filho, nos filhos do filho e assim por diante: ele é a fonte da família. Ana Terra observa que Pedrinho, já mais crescido, era a imagem viva do pai, embora tivesse herdado o temperamento do avô. Calado e reconcentrado, o menino se aproxima de Maneco. Ambos conversam sobre o trigo e dividem o mesmo gosto pela terra.

Ao longo de *O tempo e o vento*, nas ações que se repetem dando um caráter circular à obra, o leitor volta a encontrar Pedro Missioneiro. De onde veio o olhar oblíquo de Bibiana? E o humanismo de Floriano Cambará? O gosto pela música e pela arte do Doutor Rodrigo? E o punhal de prata que Eduardo carrega preso à cintura?

Ao possibilitar um renascimento, um recomeço, o herói também age como um redentor da sociedade. Sua morte abre as portas para algo maior, para uma transformação. Do relacionamento de Pedro e Ana, um índio e uma paulista, surgem homens mais sensíveis à realidade social porque têm suas raízes fixadas nas diferenças.

Aos 25 anos, quando a mulher está no auge de sua competência reprodutiva, Ana Terra era um campo pronto para ser plantado. Mas isolada naqueles confins do Rio Grande suas chances eram remotas. Ana vivia em um terreno estéril: sem amigas, festas, alegria e contato com outros rapazes. Amarrada à realidade, a jovem observa o tempo passar, sem qualquer possibilidade de mudança, “pois um dia é a repetição do dia anterior” (VERÍSSIMO, 1997, p. 113). Até que Pedro surge e transforma a realidade de Ana, que embora continue a viver no rancho, se torna mãe — experiência capaz de mudar a vida de qualquer mulher. “Traduzida em termos rituais, a estória romanesca de procura é a vitória da fertilidade sobre a terra estéril. A fertilidade significa bebida e comida, pão e vinho, corpo e sangue, a união do macho e da fêmea” (FRYE, 1973, p. 191).

Como estória romanesca, o relacionamento de Ana Terra e Pedro Missioneiro vai além deles mesmos. Afinal, Ana e Pedro dão origem a gerações de homens e mulheres que formarão e influenciarão a sociedade sul-riograndense. Mas estas são cenas de outros capítulos...

Referências bibliográficas

VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. São Paulo: Editora Globo, 1997.

LUKÁCS, Georg. Epopeia e Romance. A forma interna do romance. In: _____. *A teoria do romance*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

BORDINI, Maria da Glória. O Continente de São Pedro: éden violado, In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento. História, Invenção e Metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FRYE, Northrop. O *Mythos* do verão: a estória romanesca, In *Anatomia da crítica*. Tradução de Péricles E. S. Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. Tradução de Maria Helena Martins. São Paulo: Globo, 1998.

Artigo recebido em 09/11/2009 e publicado em 13/04/2010.